

# A NOVELLA SEMANAL



## BREVEMENTE: "A NOVA PLEIADE"

COLLECÇÃO de pequenos livros de versos a se publicar sob a direcção de Amadeu Amaral (da Academia Brasileira) e destinada a vulgarizar as obras dos poetas novos de grande merecimento, ainda pouco conhecidos do publico.

CADA volume, caprichosamente confeccionado, impresso a duas cores em excellente papel, com artisticos ornatos e solidamente encadernado, será vendido a 2\$500.

Na NOVA PLEIADE somente serão publicadas obras de verdadeiro valor.



Iniciaremos a collecção com o primoroso livro **MANHA** do poeta paulista **Graccho Silveira**

SOCIEDADE EDITORA OLEGARIO RIBEIRO — Rua "Dr. Abranches" 43 — Caixa, 1172 — S. Paulo

# A NOVELLA SEMANAL

DIRECTOR: BRENNO FERRAZ

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

Para os 30 milhões de brasileiros, mesmo descontados os analfabetos, as tiragens dos livros nacionaes são ridiculas. E as edições pequenas encarecem o livro, limitam-lhe a expansão, impedem a razoavel remuneração dos auctores. Vivemos, assim, num circulo vicioso: o livro não se diffunde entre nós porque é caro e é caro porque não se diffunde. Isto succede com o livro bom, pois dos de fancia se tiram por ahí dezenas de milhares e se esgotam edições sobre edições...

Esta situação, de tão funestas consequências para o paiz, suggeriu a iniciativa da criação deste periodico, que representa um esforço no sentido de vulgarizar a boa literatura.

Popularizar o livro, tornalo-o accessivel a todos, sem descuidar de o fazer ao mesmo tempo o mais attrahente possível pela escriptura escolhida da materia e pela artistica confecção de cada volume, e depois usar de todos os meios para o diffundir em todo o territorio nacional, de fronteira a fronteira, e entre todas as classes sociaes, desde as mais cultas ás menos letradas — eis ahí, resumido em poucas palavras, todo o nosso programma.

Participando ao mesmo tempo da natureza do livro e da revista, A NOVELLA SEMANAL pretende reunir as vantagens desta e daquelle: como a revista, será de leitura leve e variada, será vendida a preço infimo, será apregoadada nas ruas, nas estradas de ferro, em toda parte, a toda gente; mas não será futil e de interesse ephemero como ella: pelo fundo — pela qualidade e pela extensão da materia — constituirá uma verdadeira série de pequenos livros, que se encadernarão no fim de cada trimestre, em bellos volumes com os quaes se formará uma bibliotheca literaria realmente preciosa.

Pretendendo ser lida, muito lida, lida por homens e creanças, senhoras e moças, ricos e pobres, letrados e curiosos, pela totalidade, emfim, da população ledora, procurará nos auctores a vida, a acção, o interesse, de modo a constituir o verdadeiro livro popular.

Destinando-se a se tomar um instrumento de propaganda das boas letras — dos melhores auctores e dos melhores livros nacionaes — não se limitará a publicar trabalhos inéditos. Não seria este o melhor meio de se cumprir esta parte do programma traçado, havendo por ahí, esquecida e ignorada da maior parte do publico, tanta cousa optima a pedir um editor. Assim, A NO-

VELLA SEMANAL se propõe a salvar do olvido as melhores paginas esgotadas e as sepultadas em collecções de jornaes e revistas — preciosidades que representam um opulento thesouro literario quasi de todo desconhecido e inacessivel. Das obras ainda em extracção no mercado livreiro, destacará — a exemplo do que se faz em varios paizes, em anthologias de grande e pequeno tomo, didacticas e populares, e em publicações periodicas — as que sejam a melhor mostra do livro e do auctor, de sorte a despertar nos leitores o desejo de ler os livros que, sem esse reclame, muitos provavelmente nunca leriam. E isso fará fornecendo ao mesmo tempo todas as indicações precisas para que qualquer pessoa possa fazer encomenda, ao seu livreiro ou directamente ao editor, da obra da qual se apresentou aqui uma pequena amostra e das outras obras do mesmo auctor. Esta publicação constituirá, portanto, ao mesmo tempo que um abundante repositorio de informações bibliographicas, uma selecta de pequenas obras excellentes, organizada com o fito de tornar melhor conhecida a nossa literatura, dentro das nossas proprias fronteiras.

Não viveremos, porém, de alheia seiva. Teremos a nossa collaboração especial, de um punhado dos mais notaveis escriptores contemporaneos e acolheremos com prazer — e remuneraremos — todos os trabalhos interessantes que nos sejam enviados por auctores conhecidos e desconhecidos, consagrados e estranhos, comtanto que taes obras tenham valor e sejam conformes com a feição d'A NOVELLA, isto é, que tenham pequena extensão e possam ser lidas por toda gente.

Preferimos dar maior desenvolvimento á edição do conto e da novella nestes volum es por serem esses os generos que contam, entre o publico, maior numero de apreciadores. Mas não nos restringiremos a elles, embora delles tenhamos tirado o titulo desta publicação. Todos os outros generos terão o seu logar no nosso supplemento, verdadeira gazeta literaria de pequenas proporções, onde se encontrará um pouco de tudo e só do melhor.

Eis ahí ao que vem A NOVELLA SEMANAL, que se colloca á disposição do publico, dos auctores e dos editores, aos quaes deseja servir e dos quaes espera receber um acolhimento sympathico.

Os EDITORES.

## Aos auctores

Acceptaremos com prazer toda collaboração interessante para qualquer das secções deste periodico.

Os auctores devem nos remetter os seus trabalhos, declarando o seu nome, endereço e o preço pelo qual nos oferecem a sua collaboração.

Os originaes devem ser escriptos de um só lado do papel, em calligraphia bem legivel e de preferencia dactylographados.

Toda a correspondencia deve ser endereçada á Sociedade Editora Olegario Ribeiro — Caixa postal n. 1172 — S. Paulo.

## Aos editores

A NOVELLA SEMANAL publicará com prazer, e gratuitamente, o titulo, nome do auctor, preço e nome e endereço do editor, de todas as obras editadas no Brasil, bastando para isso que os editores lhe enviem aquellas indicações.

De todas as obras das quaes lhe for remetido um exemplar, publicará além disso uma noticia critica.

## Aos leitores

A NOVELLA SEMANAL ambiciona ser lida em toda parte: cidades, villas, povoações, estradas de ferro, navios, hotéis, clubs, bibliothecas, etc., estando por isso organizando um serviço de distribuição que será o mais completo possível, de sorte a não haver ponto do territorio nacional onde não tenha leitores e não seja encontrada á venda. Para obter este resultado contamos com o auxilio dos nossos leitores, aos quaes pedimos que nos indiquem endereços de livrarias, agencias e vendedores de jornaes e pessoas e instituições que possam se interessar pela venda ou leitura, deste periodico em qualquer localidade, por insignificante que seja.

Interessados tambem em conhecer os escriptores e poetas de merito de todos os Estados e de todas as épocas, afim de lhes poder divulgar a obra, muito agradeceremos qualquer indicação que a este respeito nos seja fornecida, rogand a todos quantos

queiram nos auxiliar neste trabalho que nos enviem relações de auctores e de livros publicados, de modo a nos habilitar a adquirir os volumes para os examinar.

## Importante

Toda pessoa que angariar tres assignaturas d'A NOVELLA SEMANAL, enviando-nos adiantadamente a respectiva importancia, terá direito a uma assignatura gratuita.

A toda pessoa que angariar qualquer numero de assignaturas d'A NOVELLA SEMANAL, offereceremos a titulo de brinde, livros, escolhidos no catalogo de qualquer livraria do Brasil, no valor de 20 o/o sobre o preço total das assignaturas angariadas.

## Assignaturas

Anno	20\$000
Semestre	10\$000
Trimestre	5\$000
Numero avulso	\$400



## SUMMARIO

VIDA ELEGANTE — Julio Cesar da Silva.

A ENTREVISTA — Theodoro Magalhães.

O HOMEM DAS CIRCULARES — Jurandyr Gomes.

SIMPLICIDADE — Coelho Netto.

DOIS IDIOTAS — Julio Scheibel.

SUPPLEMENTO — A vida anecdótica e pittoresca dos grandes escriptores Ricardo Gonçalves - M. VILAÇA DE CAMARGO.

Curiosidades literarias — As senhoras bahianas - CASTRO ALVES. — O Centenario de Flaubert - C. L.

Paginas esquecidas — O vocabulario - COELHO NETTO.

Os nossos poetas — Julio Cesar da Silva.

# V I D A E L E G A N T E

Mlle Lili tem apenas dezoito annos, dezoito annos de idade e cinco annos de fortuna e vida elegante. Nasceu pobre e foi pobre até aos treze.

O papá era um simples agente de negocios, e de negocios que fatalmente fracassavam. O pobre homem, na luta pela vida, não fazia um esforço que obtivesse exito nem sahia da luta senão depois de derrotado.

A occupação da pequena era malliar o piano sem nunca acertar a dedilhagem nem o compasso, compôr, ella mesma, os seus chapéos, aproveitando as fôrmas velhas e as fitas desbotadas, e, com o lindo rostinho cheirando a pó de arroz barato e besuntado de carmin, olhar a rua, de cotovelos fincados no parapeito. Eram essas as suas horas melhores. Cultivava a attenção dos homens, estimulando-a com um geito de olhar de que tirava efeitos maravilhosos e com um geito de manter os labios pondo a descoberto os dentes, que brilhavam. Cantava tambem, quando o pae estava ausente ou a mamã não estava de máo humor. A sua vozinha, nos registros agudos, falseava, desafinando. Todo o seu affecto dedicava-o ella a um cachorrinho, o "Brinquinho", de focinho pelludo e olhos chorosos. Era a elle, a elle só, que ella, nas suas horas de aborrecimento, contava as suas ambições, o seu desejo de frequentar o grande mundo, de se vestir segundo os ultimos figurinos, guiar, ella mesma, a sua Benz, fonfo-

nando pelas avenidas asphaltadas, dançar o tango nos salões elegantes, frequentar o Theatro Municipal. Era ao cachorrinho, emfim, que ella abria a sua alma, dizendo-lhe as suas angustias e ideaes. "Brinquinho", sentado no regaço de Lili, olhava-a muito, nesses momentos de confidencia, com os seus olhinhos intelligentes, quasi humanos. Dir-se-ia, pela maneira com que acompanhava os gestos á menina e attentava nas suas palavras, que elle comprehendia tudo. A's vezes, quando a pequena, para dar mais intimidade ás suas confidencias, approximava o rosto do seu focinho, elle, traiçoeiramente, lambia-lhe'o, soltando ganidos de alegria. Ella ameaçava bater-lhe, mas contentava-se de enxugar o rosto á manga da blusa, e continuava á sua interminavel historia de maguas soffridas e de desejos incontentados.

Quando a mamãe se avisinhava, arrastando as chinellas, do quarto de Lili, esta calava-se ou disfarçava, cantando.

A menina era tagarella e a mamã, casmurra. A pobre senhora nem sempre foi assim; mas, de tanto soffrer decepções e privações, mudara completamente de indole, e só abria a bocca, o que raramente fazia, para censurar ou praguejar. Como não gostava de falar, não gostava tambem de ouvir.

Com quem, pois, Lili podia trocar idéas senão com "Brinquinho"? O pae, sempre na rua, no

encalço das transacções fugidias, e a mãe a labutar na cozinha ou no lavadouro, sempre azeda. Sentindo-se só, agarrava-se ao animalzinho. Nessas palestras confidenciaes de portas fechadas, em que o cão tambem tomava parte, falando com os olhos e com os movimentos eloquentes da cauda, Lili fazia-lhe promessas... Oh! quantas promessas! Quando ella fosse rica, sahiria a passeio com "Brinquinho", de automovel. E via-se já de automovel, com as mãos enluvadadas no volante e o cachorrinho ao lado, muito grave, com sua colleira de fita azul. "Brinquinho" teria uma casota em feitio de chalet suíço, com roseiras ao lado. Teria as suas horas de "footing" pelas aléas do jardim...

E veiu a guerra, a grande guerra. O pae de Lili tinha o faro dos negocios e a visão das coisas futuras. Metteu-se em transacções de papel, de anilinas, de tintas para typographia, de gado para exportação, metteu-se em tudo. Foram tão felizes os seus negocios, que os capitalistas começaram a olhal-o com respeito, com um respeito a que se misturavam a superstição e a inveja. Ao cabo do primeiro anno, entrou a negociar com os seus proprios capitaes, que já eram avultados. Dobrou-os, triplicou-os, multiplicou-os. Antes da assignatura do armistício, já era apontado como um dos mais fortes capitalistas da praça.

Lili tinha realisado o seu sonho. Habitava um palacete. Em cinco annos de vida rica, progredira notavelmente. Afez-se de tal maneira á nova vida, que a anterior, que era mais longa, quasi que se lhe apagara da memoria.

Ao piano, graças aos esforços de um professor reputado e aos seus esforços tambem, já não errava a dedilhagem nem desacertava o compasso. O habito de frequentar concertos, de ler as noticias das grandes audições, de ouvir a opinião das pessoas autorisadas, se pouco lhe accrescentou á cultura musical, desenvolveu-lhe, em compensação, o snobismo. No fundo, adorava a opereta, as operas romanticas de muita encenação e espectáculo, embora só confessasse o seu amor por Chopin e Debussy.

Adoptou os habitos elegantes, e adaptou-se a elles como se fossem habitos velhos. Antes, levantava-se tarde, quasi á hora do almoço. Verdade é que as suas horas eram immensamente vacias. Dividia-as, por isso, em horas de somno e horas de aborrecimento. Agora, não. Tendo o seu dia tomado por um tumulto de tarefas e preocupações, tratou de disciplinar a sua vida de maneira a satisfazer, em cada dia, os seus innu-

meros e urgentes deveres. Levantava-se cedo. Para falar verdade, não se levantava mas levantava apenas meio corpo, sem sair do leito. Com as pernas mettidas entre os lençoes, a camisa escorregando hombros abaixo, impunha-se a tarefa de ler os jornaes e revistas. Passava os olhos pelas noticias do mundo elegante, interessava-se pelos anniversarios, pelas obras de piedade promovidas pelas senhoras de alta roda, pelos ultimos figurinos. Assim, em menos de quarto de hora, tinha satisfeito a sua curiosidade e posto de lado, como inuteis, algumas dezenas de magazines, de revistas literarias e jornaes. Feito isto, levantava-se, e, desta vez, de verdade. O seu banho era uma coisa complicada. Antes, contentava-se com um sabonete e uma ampla bacia de agua tépida. E sahia do seu banho tão assejada como uma nympha a emergir da fonte. Agora, porém, o seu corpinho magro, leve, de linhas um tanto angulosas, exigia uma piscina e aguas abundantes saturadas de agua de colonia e essencia de rosas. Uma massagista eximia friccionava-lhe o corpo com luvas de bucha. Depois, pulverisações de vinagre aromatico e outras coisas essenciaes á conservação e belleza da pelle.

Em seguida, vinha a manicura, uma senhora franceza, que se dedicava ás suas unhas com um cuidado muito affectuoso, muito exaggerado. Madame não lhe abandonava as unhas senão depois que ellas estavam fulgurando, com uma centelha bem viva em cada curva. Tratava-as a esmalte, a pastas vermelhas, a verniz, a ferrinhos e aparelhos de feittos caprichosos, a acidos e liquidos em frasquinhos minusculos.

Uma das suas horas mais agradaveis era aquella em que se entregava aos cuidados, não menos excessivos e affectuosos, do "coiffeur". Este apresentava-se sempre de smoking, e tinha uns ares de moço da boa roda. Dentes magnificos, cara encanhoadada. Só falava francez. Mlle Lili falava francez correntiamente e já se familiarisara com o "argot", mas não conversava com o rapaz senão a proposito do penteado, de um retoque a fazer ou de um effeito a tirar, em phrases curtas, sem o fitar nunca. A uma moça da sua posição e fortuna não convinha a intimidade das phrases longas. Entretanto, sentindo que era admirada, que aquellas mãos, sob pretexto de achatar um anel rebelde dos cabellos, se apoiavam em sua cabeça com uma lentidão menos profissional que carinhosa, entregava-se áquelles cuidados com um prazer que, mesmo a si propria, penosamente confessava. Como era um profissio-

nal, recebia-o com qualquer "toilette", preferindo até recebê-lo com a "toilette" que menos a vestia...

Às vezes, para descansar dessas sérias occupa-ções, em que se immobilisava por horas e horas, necessitava executar movimentos violentos. Ia fazer uma partida de tennis no seu club. Depois do almoço, um passeio pelo seu arrabalde, ora a pé, ora de automovel. Puro pretexto para exhibir a "toilette" de passeio. Às dezesseis horas, uma volta pela cidade a ver os mostruarios dos joa-lheiros e das casas de armarinho. As lojas de moda tentavam-n'a mais. Entrava. A escolha de "robes" e "manteaux", com exhibição de mane-kins vivos, occupava-lhe minutos profundos de attenção e tensão espiritual. Por fim, cansada do esforço, sem se decidir por este ou por aquelle artigo que se lhe offerencia, comprava qualquer futilidade.

Num dos magazins do centro havia uma hora de chá elegante, com quarteto de cordas. Mlle Lili não dispensava esse chá nem a sua hora de de musica e "flirt". Enquanto mexia o assucar no fundó da chávena, fazia-se alvo da attenção dos homens. Não lhes correspondia nunca. O orgulho dos seus recentes milhões roubara-lhe, em parte, a sensibilidade.

Entrava em casa quasi á hora do jantar. Mal tinha tempo de mudar de vestido. Aquella va-riedade de pratos e o serviço á franceza tiravam-lhe o appetite. Não podia consolar-se com a falta da antiga terrina de feijão, de caldo grosso. Distrahiã-se, porém, em debicar as gelatines, embeber o pão no molho de tomate e provar, ape-nas com os labios, os vinhos seccos. Desforrava-se nas fructas.

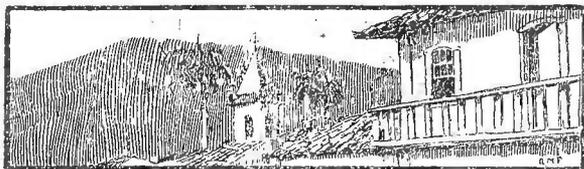
Às vinte e uma horas, fazia a sua entrada glo-riosa no Theatro Municipal quando era recita de assignatura. Apoiando o cotovelo no rebordo da frisa, ostentava o decote amplo e os braços nus. Sentia pena que o decote tivesse um limite, mas consolava-se com o limite maximo. Nessas suas horas de triumpho tinha Lili a sensação de que o espectáculo era promovido em homenagem a ella, e, não raro, a sensação, ainda mais gostosa, de que ella era a actriz e que não só aquelle pu-blico como as proprias figuras da scena eram apenas espectadores do seu triumpho. Essa illu-são, que a afogueava e lhe punha calor no lóbo das orelhas, não lhe dava tempo de indagar o que se passava em scena.

Ao deitar-se em seu leitosinho virginal, recapitu-lava, enquanto não vinha o somno, todos os

episodios do seu dia, sempre os mesmos, sempre parecidos, mas tão agradaveis sempre!

Para as suas horas de coiso adoptou um cão-sinho "loulou", cor de chocolate, chato como um saurio e de movimentos molles de cobra. "Brinqui-nho" não ganhou, como Lili lhe promettera, a casota em feitio de chalet suiso entre renques de ro-seira. Lá vivia no quintal entre o gallinheiro e a horta, a ganir o seu abandono. Lili nunca mais quiz vel-o, receiosa de que á sua presença lhe recordasse muito ao vivo o passado...

JULIO CESAR DA SILVA



## A ENTREVISTA

Naquella noite uma rajada de vento, entrando pela grande aberta da cela de fr. Sampaio, apa-gara o roliço bugio de cera virgem que ardia sobre a secretária de mógno. O monge que es-tava o escrever o artigo para o *Regulador*, le-vantou-se e accendeu a vela e ordenou, depois, as tiras de papel que haviam se espalhado pelo chão. Olhou o lado do mar e acostou-se ao pei-toril da janella do seu aposento de professo fran-ciscano do convento de Santo Antonio.

A cidade dormia silenciosa sob um céu negro onde faiscavam estrellas: apenas o chouto de ali-mária que galopava pela Vala era o unico rumor que chegava ao alto do morro. Ao longe, quasi á entrada da barra, sobresaia da densa escuridão o farol da proa de uma sumatra que reflectia frouxa restea de luz escarlata sobre as aguas da pacifica Guanabara.

De repente, fr. Sampaio percebeu o arrastar da sola pesada de grossas sandálias pisando o soalho do esguio corredor do mosteiro. Pouco depois, cessava o rumor e alguém bateo de va-gar ao umbral da cela.

— Quem é? gritou o frade.

— Vossa Paternidade, queira abrir — respon-deram de fora.

Fr. Sampaio deu dois passos e chegando á fe-chadura voltou duas vez a chave puxando para dentro a pesada porta. Entre — disse o franciscano. E immediatamente accrescentou:

— Que quer? irmão Antonio.

Um donato, rapazola de seus vinte e dois anos, olhos azuis, faces rosadas, as mãos cruzadas sobre o peito, curvando a cabeça, reverentemente, repondeo submisso :

— Desculpe-me V. Reverencia, interrompê-lo. E' que á portaria do convento acaba de aparecer uma mulher de mantilha; pede de V. Reverencia a caridade de assistir uma enferma a bem morrer.

— E onde devo ir a ver a penitente?

— A' rua do Piolho, padre mestre.

— A' rua do Piolho, repetiu pausadamente o egresso.

Fr. Sampaio demorou longos minutos vacilante. Diversos pensamentos, enxameando-lhe o cerebro davam-lhe a duvida de que alguém o quizesse para confessor.

A sua expressão deixava adivinhar receios secretos: o seu olhar denunciava a hesitação de acudir a tão grave chamado. Que destino levaria ele se saísse e fosse colhido nalguma cilada? A sua actividade estendia-se do repouso do claustro ao bulício da maçonaria: envolvera-se nos ajustes sediciosos do Grande Oriente, talhados á independência do Brasil, lutava pela emancipação da Patria enovelado nas rixas dos partidos e percebia que as rivalidades entre Ledo e José Bonifacio poderiam acarretar-lhe grandes desgostos ou mesmo inesperadas decepções... Parecia-lhe temeridade deixar áquella hora o convento, descer a ladeira e acompanhar uma desconhecida que se resguardava nos panos de avantajada mantilha, no intuito, talvez, de arrasta-lo a um sitio perigoso. Enquanto, mentalmente, pesava essas ponderações, começou a envergonhar-se de sua covardia. Quem se compromettera á tarefa de altas responsabilidades, entregando-se ao empreendimento de auxiliar a libertação da terra natal, não se devia apavorar com a suposição de vingança ou do embuste do adversário. Filiara-se á loja Commercio e Artes empenhado na proclamação da independência do Brasil; cumpria-lhe revestirse de coragem em todos os actos da vida de modo que lhe não faltasse o animo em provaveis momentos de serias difficuldades politicas.

Como se decidisse a definitivo alvitre, volveu-se num subito repelão e inclinou-se sobre o poial apanhando o seu grosso breviario. Pousou levemente a mão espalmada no ombro truculento do jovem leigo e murmurou:

— Vá dizer a essa mulher que me espere um momento.

O converso afastou-se ao longo do corredor e desapareceu sombreando o seu vulto á parede

branca do claustro, que a baça candeia de azeite do pequeno oratorio clareava com mortços lampejos.

Fr. Sampaio fechou a cela, deu alguns passos e bateu a porta proxima de seu quarto de religioso, chamando baixindo:

— Frei Rodovalho.

Immediatamente surgiu a figura distinta do cenobita que, dias antes, pregara numa festa da capella rial o mais eloquente sermão daqueles ultimos tempos. Trazia a estamemha desabotoada, o cordão branco embaraçado á cintura e um livro volumoso na mão esquerda de que o indicador marcava a pagina cuja leitura fora interrompida.

— Padre mestre, disse fr. Sampaio, vou ouvir uma doente em confissão. E' pedido que me solicita pessoa desconhecida que, a esta hora de silencio, veio me procurar ao convento. Si, acaso, eu não regressar por cair em cilada armada, o que não será de surpreender, destrua os papeis que se encontram amarrados aos manuscritos de meus sermões.

— Cartas de amor, padre mestre? — atalhou com zombaria fr. Rodovalho.

— Documentos politicos, meu amigo.

— A politica e a mulher assemelham-se; manejam o embuste. E com ambas V. Paternidade dissipa gentilezas.

— Não esteja a meter-me á bulha. Sabe como me preocupa a separação do Brasil. Vivo no Grande Oriente, redijo um periodico. Exponho-me, padre mestre, e comprometo-me. Inda no mes passado, em casa de José Clemente, o conego Januario perguntava-me si nunca eu soffrera a ameaça de aggressão á subida da ladeira. Afoito-me; tenho demasias ás vezes.

— Pois, então, prudencia, padre-mestre. Prudencia. Evite as conjurações e fuja á galanteria.

— Fr. Rodovalho, sou professo. Se me conduz delicado ante as senhoras, não trago na face o vinco marcado da depravação e do vicio.

— Oh! fr. Sampaio. Não o computo por má conta... V. P. não é o principe regente.

A mudez do claustro quebrou-se com as risadas dos dois franciscanos. Fr. Sampaio meteu o livro dentro da manga, apertou a ilharga, como verificando si levava algum objecto occulto e despedindo-se do seu confrade poz-se a andar resmungando:

— Seja tudo pelo amor de Deus.

Sentada ao escano da portaria, deparou-se-lhe

a mulher que o esperava. Não a encarou. Disse-lhe somente:

— Vá descendo, filha, e leve-me a essa casa onde de mim precisam.

Puxou o capús e escondeu bem o rosto. Voltando-se para traz e vendo o leigo, junto ao nicho que guarnecia a entrada do mosteiro, de pé, humilde servo aguardando passivamente ordens as mais penosas, recomendou-lhe, em palavras de brandura, comunicasse ao guardião que ás nove horas da noite fr. Francisco de Sampaio sahira do convento em missão da caridade e de paz.

Fr. Sampaio transpôs, calado, o terraço do convento de Santo Antonio e rapido ganhou a Carioca. Um escravo, fatigado do trabalho diurno, tirava sornamente agua ao chafariz: avistando o frade, ajoelhou-se e segurou-lhe a ponta da cogula, levou-a aos labios e osculou-a, balbuciando supplicas supersticiosas. O religioso passou-lhe, carinhosamente, a mão pela cabeça e num suspiro triste, condoido, exclamou: Infeliz... A mulher que lhe era guia, ouvindo-o falar, interpelou o monge:

— Vossa reverência fez-me alguma pergunta?

O cenobita, que não havia trocado conversação com aquella mensageira de penitencia ou cumplice de malfeitor, lembrou-se de syndicar:

— Está muito grave a pessoa que mandou buscar-me?

— Ignoro, meu senhor. Não sou da casa. Ia a recado a certa senhora moradora na Conceição quando uma velhinha lacrimosa, lamentando ter de subir o morro, suplicou-me chamasse V. Reverência ao convento. Não me custava prestar esse serviço e tomei a incumbencia de o levar á rua do Piolho.

— E' uma alma bemfazeja... Está visto...

E o monge parou o dialogo. E' que a botica de David Pamplona estava aberta e lá dentro tres individuos discutiam a iniciação de D. Pedro entre os *Cavalleiros da Santa Cruz*, perante José Bonifacio, o logar tenente da sociedade secreta. Fr. Sampaio escutou o comentario de alguém que reprovava o procedimento do príncipe, conspirando dentro de uma agremiação que tinha a sede no commando das armas.

O Franciscano poupou-se a averiguações; observou simplesmente que á rua descansava numa cadeirinha brunida, certo pertencente a pessoa abastada. Apressou o passo, dobrou á rua dos Lateiros, sobresaltado, indeciso do seu destino, rosmando pragas e imaginando a cada instante vultos embuçados que da sombra o alvejassem a

tiros de pistola. Cobrio quasi os olhos com a feteira do capús e andou, pisando fraco, de modo que se lhe não percebesse o ranger da san-dalia. Enrolou a camandula no cordão de esparto, afim de que as contas não ramalhassem pendentes do habito castanho.

A certa altura da caminhaça a mulher de mantilha estacou inesperadamente. Fr. Sampaio apurou-se, levantou a ponta do capús e esperou. O silencio da noite auxiliava qualquer emboscada. O sitio ermo e em trevas prestava-se á façanha de malfeitores salaridados. O frade medio a sua situação porque alimentava receios; estava numa rua já deserta, escura, onde só vinham os ecos abafados da melopéa de uma antifona que algum mestre de reza recitava entre escravos e mucamas.

A mulher de mantilha, cabisbaixa, balbuciou então.

— Perdoai-me, senhor; menti. Neuhum doente o quer a estas horas.

Fr. Sampaio estremeceu. Olhou em roda a examinar o sitio e, desabotoando o habito, collocou-se em postura defensiva, segurando a arma que, por prevenção, costumava usar quando a desoras subia a encosta do convento.

— Já, rugiu o frade, lampejando no olhar a coragem de que subito se assomara. Dize, que foste fazer ao convento, embusteira...

— Absolutamente estou a iludil-o, interrompeu a mulher. Cumpro uma ordem ditada sob o maior sigilo.

— Como? Quem ousa buscar um professo á sua comunidade e arrasta-lo a lugar ignorado?

— Senhor, fiz o que me determinaram. Trouxe aqui V. Reverencia e quasi devo pronunciar só uma palavra. Verá que se tornou injusto na sua ameaça e dará razão a quem me incubio de falar-lhe em meio desta solidão.

O frade parecia desnorteado. Algum mysterio ia ser-lhe desvendado e começou a ancian-se, nervoso, esperando o desfecho da narrativa da mulher de mantilha.

— Basta de justificativas — bradou: explique-se de uma vez que muito me aborrece tanta algaravia.

— Carecia de repelir-lhe a suposição de que seja alguma intrujona. Agora, dar-lhe-ei a senha e da sua resposta depende orientar-lhe o verdadeiro rumo. E, ao ouvido do franciscano, de quem se approximou num salto, apavorando-o, balbuciou *Constituição*.

Fr. Sampaio abotoou-se e desafogado, desoprimida a respiração, replicou:

— *Patria* — E, agora, instrua-me onde devo ir.

A mulher de mantilha, sem maior espera, sacou de dentro do seio uma chave que largo lenço de alcoçã enrolava e entregou-a ao monge explicando-se:

— Mandaram-me repetir-lhe estas palavras: *Alvaplena*. Porta a esquerda. Tamoio.

— Não fale mais, acudiu o egresso já com a impassibilidade de um convicto. Vai-te com Deus, mulher, e toma este cobre para o azeite da tua candeia.

A mulher de mantilha espalmou a mão e recebeu do frade uma grossa moeda. Fr. Sampaio vio-a descer a rua do Cano e sumir-se na treva; tomou novo itinerário, desinquieto de represálias, a face contraída de sorrisos de contentamento.

Decorrido largo quarto d' hora de trajecto durante o qual meditava planos revolucionarios, chegava o franciscano ao campo da Lampadosa. Bateu á porta de modesta casa. Não responderam de dentro. Aplicou o ouvido, nada escutou. Tornou a bater, ninguém respondeu ainda. Um negro passou a distancia, trauteando um lundú em voga. Fr. Sampaio esgueirou-se, ocultando-se. O preto não o lobrigou. O monge deitou a mão á chave que recebera da mulher de mantilha, volteou-a na fechadura. Entrou e galgou a estreita escada que dava accesso a uma especie de agua furtada. Uma rapariga trigueira, muito nova ainda, appareceu ao patamar e gritou:

— Pode subir.

O frade estranhou a recepção. A mulher era figura alheia ás reuniões a que por duas vezes ali comparecera: a casa guardava desusada tranquillidade. Não se sentia o vozear dos seus companheiros; faltava-lhe o estridulo da gargalhada desenvolta de Azeredo Coutinho, saboreando as piadas do alferes Joaquim Almeida. O ambiente deparava-se-lhe diverso. Ia a falar, mas do interior de um quarto que se abre fartamente iluminado, surge de repente o vulto audacioso do principe regente.

— Vossa Magestade, sem José Bonifacio e, aqui, na companhia de uma mulher?

— Que quer padre mestre? E' preciso sahir da monotonia dos negocios do estado e o melhor acerto é passar alguns momentos ao lado deste feitiço.

E afagando a rapariga, que se mantinha docilmente de pé, apresentando o aspecto de contristadora subserviencia, em tom debochado continuou: «Isto não é fazenda de frade».

Fr. Sampaio sorrio-se e por perfidia retrucou:

“Nem frades são principes... E' verdade d. Pedro, de propósito prosequio, a sra. Dometila pediu-me hontem noticias suas. Queixa-se de que esta semana inda o não vio”.

A rapariga fixou o principe enraivecida; com os olhos rasos d'agua, calculando a extensão de sua infelicidade, clamou em aflitivo impulso:

— Canalha; enganou-me. E' ela a sua amada...

E desceu apressadamente a exada.

D. Pedro, besta feroz vendo perdida a presa, correu á busca da sua victima, enquanto o monge saboreava inflexível aquela scena que provocara. Alcançou a mulher transpondo a soleira; puxou-a pelo braço e em langoroso enleio, pondo em pratica os habituais recursos de conquistador amestrado, cobrindo de beijos a seduzida, carregou-a, escada acima, protestando-lhe, por entre ardentes declarações, a mais fingida e simulada afeição. A infeliz transformou-se, dominada pela labia do dissoluto soberano, e abraçou nervosamente o principe de quem acreditava naquella momento haver recebido o honraria de favorita do rei.

D. Pedro, conduzindo a amante ao quarto, fechou-a.

— Patife, disse ao franciscano, por tua causa a rola fugia ao milhafre. Mas sei tratar essa gente. Aquela daqui não sai hoje. Hei de passar uma noite invejavel...

Fr. Sampaio encarou altivo o principe. Este não lhe deu tempo de qualquer repulsa; explicou-lhe a ausencia de intenção offensiva nas suas palavras e, fidalgamente, indicou-lhe o corredor que era a passagem para a sala interna onde se celebravam reuniões secretas.

Em recinto estreito guarnecido de pesada mesa quadrangular e algumas cadeiras de espaldar, estiveram a confabular D. Pedro e Fr. Sampaio. Examinaram papeis, leram cartas, concertaram planos. Aquelle retiro apropriava-se ás sessões dos liberaes que trabalhavam a favor da independencia do Brasil; ninguém imaginaria que ali se tramasse contra a corôa de Portugal. Por isso, em dias determinados, juntavam-se ao redor da mesa, onde o principe espalhara um masso de manuscritos, diversos membros do *Apostolado*, a associação que José Bonifacio instalara na Guarda Velha, alguns mações e os patriotas que se não achavam iniciados no Grande Oriente. No esconderijo dos conspiradores realizava-se durante essa noite a conferencia privada do principe com o frade. D. Pedro precisava estar a sós com frei Sampaio, apartado de olhares indagadores, ocul-

to a sindicancias interessadas em attribuir-lhe conchavos e traições. Prevenira tudo para essa entrevista que planejava, aproveitando o tempo ao gozo das carícias de uma mulher que ele engodara com alegres esperanças de convertê-la em companheira de casa e pucarinho.

Fr. Sampaio compreendeu que o misterioso colloquio representava a vigilante curiosidade do príncipe.

D. Pedro atraia-o á desconfortavel saleta dos conspiradores, trocando-a pelas salas espaçosas do antigo palacio dos vice-reis; subtraia-se a indiscreções de seus validos e almejava tirar a limpo a significação de qualquer facto de relevancia.

Não errou o professo. Depois de revolver varios papeis, zeloso sempre da observancia de todos os segredos, precavido em não elevar o diapassão dos dialogos afim de que ouvidos estranhos não apanhassem a conversação, D. Pedro sacudiu o braço do franciscano, com a quebra da linha da etiqueta e em frase rude interrogou:

— Então, seu frade da mão furada, você anda a escrever inconveniencias no *Regulador*?

Houve na sala demorado silencio. O velho cico, pendurado no vão de duas janelas, dava fortes pancadas que se destacavam no socego da-quele local secreto. O príncipe com a fisionomis ameaçadora, aguardando a resposta á brusca interpelação; o frade, com os olhos tomados de nevas de raiva e o garganta afogueada sem poder articular a réplica.

— Então, meu bandarra, és dos nossos para lá tora me embaraçares com impertinencias malvadas, continuou D. Pedro.

Irritado, ferido no seu amor proprio, começou a rodopiar entre os dedos o cordão da cogula e com os dentes a ranger de colera conseguiu retrucar ironicamente:

— Não sou nenhum aventureiro, vindo de terras distantes a colocar na minha cabeça a corôa que meu pai tivera de abandonar e outrem poderia usurpar. Nasci no Brasil e, servindo os interesses de minha Patria e nunca os desejos absurdos ou a cobíça dos homens, hei de me ocupar das questões politicas de meu amado país.

— Ninguém põe em duvida o seu patriotismo, padre mestre, ponderou o príncipe, tendo mais brandura e amenidade nas suas expressões. Sei que é um devotado á causa e a prova do meu reconhecimento está na promessa que algures lhe fiz de nomea-lo bispo. Careço, entretanto, de apanhar o fio á meada de uma intriga tecida entre

os meus servidores e emalhada nas paginas do *Regulador*.

— Obrigado a V. M. por tão honrosa mercê que a mim pretende conceder. Permita-me, porém, que lhe lembre não lhe ser licito ajuizar mal de outrem sem conhecimento positivo das cousas. Si foi para repreender-me que empregou artificios e me arrastou a esta casa; prefiro que me censure na presença dos nossos, pois saberei defender-me... Provoque-me, senhor, em ponto menos clandestino diante dos seus servidores. Ajustaremos contas... Depois não lamente as consequencias da cartada que vai jogar... E, boa noite, D. Pedro.

— Espere! — acenou o príncipe levantando-se da cadeira visivelmente agitado.

A maneira arrogante por que fr. Sampaio se externara abria no animo do filho de d. João a certeza de que alguma cousa de mais importante significava a publicação do *Regulador*. A resposta altaneira do monge encerrava perigosa realidade; saia das normas da delicadeza e não pecava por plácida nem prudente.

Fr. Sampaio reconhecia que a sua attitude, categorica e repulsiva, superiorisava-se pela energia e insubmissão. Tratara o soberano sem bajulações; conseguira abater-lhe a sobrançeria e cortar-lhe a impolidez. Ficara intimamente satisfeito com a impetuosidade do seu gesto.

O cenobita aguardou a resolução de D. Pedro que o retivera sem se apressar a explicações. O príncipe abriu uma janella e apoiado ao peitoril meditava. Na escuridão do campo faiscava o clarão fugidio dos vagalumes. Num lodaçal proximo coachavam sapos; a inferneira chiada dos grilos orquestrava o mesmo compasso continuamente. Um relógio de torre soou 11 horas. O frade dirige-se ao soberano:

— V. M. nada tem a ordena-me. E' tarde preciso retirar-me.

— Fr. Sampaio — acudio D. Pedro — embora no ceo já apontasse a madrugada eu o não deixaria daqui sair sem uma elucidação formal. Não é o monarca quem o pede; é o amigo, o companheiro das maquinações contra a Corôa de Portugal! Diga-me: porque escreveu aqueles artigos do *Regulador*?

— V. M. insiste num assunto de que não devo, não posso inteira-lo. Dir-lhe-ei unicamente o que exporia em sessão plena do Grande Oriente, si exigido fosse. Não são meus, affirmo-lhe, os artigos; recebi-os de pessoa a quem voto respeito e consideração.

— Como? Então costuma assumir a responsabilidade das opiniões de terceiro?

— Tais sejam os motivos...

— Tolere-me a importunação e, para tranquillidade minha e no beneficio de evitar-me suspeitas sobre pessoas innocentes, pronuncie, padre-mestre, o nome deste individuo a quem não quiz desatender.

— Senhor, comprometi-me e não divulgo-lo.

— Ninguem o saberá. Empenharei a palavra de honra si o padre-mestre o exigir; é mister que eu conheça o anonimo do *Regulador*.

— Poupe-me a quebra do sigilo.

— Colhi o principal. V. reverendissima recebeu de alguém a perversidade saida no *Regulador*. Portanto, concluo — rematou na sua linguagem desabusada: o patife ou é Ledo ou José Clemente.

— Senhor!

— Sim. Vejo, agora, como bem avisado andava José Bonifacio desviando-me dos conselhos destes dois biltres que me impelião a jurar fidelidade á constituição da assemblea.

— Ledo e Clemente são caracteres fidalgos. Os rogos que fizeram a V. M. para que jurasse a constituição ditaram-lhes os mais elevados sentimentos de amizade ao principe e dedicação ao Brasil.

— As leis da nobreza e da honra mandam-me acreditar no protesto de V. Reverencia. Os deveres da lialdade e obediencia ao rei exigem, entretanto, que fr. Sampaio confesse quem foi que forneceo ao *Regulador* umas linhas contrarias aos ideaes do partido democratico — bradou o soberano.

Fr. Sampaio passou vagamente os olhos pela sala, enfiou as mãos nas largas mangas do hábito e soprou ao ouvido do monarca:

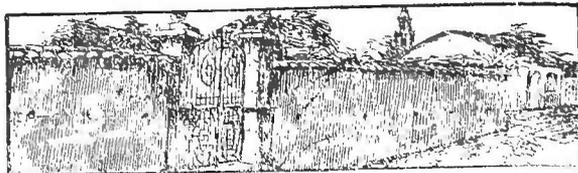
— José Bonifacio.

O principe afundou-se na cadeira de estofo adamascado. Entontecera-o a revelação. Fr. Sampaio meneou a cabeça e afastando-se disse, levando o indicador ao labio: — E caluda. Tenho a sua palavra.

— Até amanhã, padre-mestre. Piores que rameiras esses politicos.

Fr. Sampaio desceu a escada, embuçado na sua estaménha. D. Pedro ficou pensativo por instantes. Nisto, despertou daquela especie de torpor, murmurou entre dentes palavras imperceptiveis e levantando-se abriu a porta do quarto chamando a rapariga que lhe acedia ás falsas promessas d'amor.

THEODORO MAGALHÃES.



## O HOMEM DAS CIRCULARES

VIDA, PAIXÃO E MORTE DE  
RICARDO DE MAGALHAENS

(Do memorial dum provinciano)

Hontem mórren Ricardo de Magalhaens; hoje, seu corpo descerá á região dos vermes. Não irei ao enterramento porque o tempo está mau: a columna de mercurio desce no thermometro assustadoramente e nuvens escuras correm na atmosphera, tangidas por um vento que não nos chega. Quando ha pouco saltei da cama, a cerração que por cá fora andava era tal, tão densa era, que da janela de meu gabinete, não via como habitualmente as torres de Sto. Antonio, altas e brancas, terminadas por gallos vermelhos espetados, em hastes metallicas. Decididamente, numa quadra chuvosa, como esta, em que se passa quatro e cinco dias a se ver claridade e não sol, ninguem deveria morrer... se é que a morte póde ser levada em conta, de um dos espinhosos deveres humanos.

Como acompanhar um amigo morto á campa gelida, num dia assim, de ceu plúmbeo, de garoa impenitente! Só de pensar em metter as galochas na lama das ruas publicas, só em me julgar numa capa de borracha, molhada, todo encolhido, os dedos crispados dentro de bolsos húmidos, os cabellos hirtos sob um chapéu frio, o nariz gelado, a face livida batida pela chuva impiedosa, — sinto um calefrio me percorrer o dorso, como se estivesse lendo uma aventura formidanda de Edgar Poe.

Qual! Não vou; não sou homem para taes violencias. Terceiro dia de chuva! Não são emquanto o tempo não mudar. De mais a mais, hoje é feriado. Apesar da myopia, vejo, percebo inilludivelmente, o vermelho estampado na folha commercial. Hoje, é verdade! é treze de maio, haverá festas — se Santa Clara der tarde limpa, — e o commercio fechará excepcionalmente cedo. Sairei á tarde.

Mas ha quem, não sabendo viver, não saiba até morrer! Ricardo de Magalhaens foi desses. Não sei se li ou ouvi algures que triste do homem que *teve historia*. Se não li ou ouvi, melhor — porque o dito fica sendo meu, e não desgosto se me tomam por grande pensador.

E o Magalhaens teve historia, coitado. Sua vi-

da, se não foi um romance perfeito (para felicidade do pobre), foi entretanto uma *comédia dramática* — como se diz communmente hoje, na gíria dos cinematographos. Risos e lagrimas andaram se confundindo, para que nos ultimos momentos só os prantos ficassem, como aliás sóe acontecer, na vida humana. Thalia, a pérfida, disputa a Melpomene, seu lugar entre os homens, para afinal ceder o campo á adversaria e se lançar á sôrna do Parnaso...

E como a historia do Magalhaens não é totalmente desprovida de algum interesse e como tambem me começa a invadir uma lamentavel amnésia, com pretensões a chronicidade, aqui a archivarei, a “historia do *homem das circulares*”, para, em futuros serões de longínquos invernos, poder contar a vida, paixão e morte de Ricardo de Magalhaens, por agnome «Louco», o pobre amigo que hoje descera ao *frio chão*, na classica expressão popular. Talvez dissessem ser uma pouca-vergonha minha escrever as excentricidades dum amigo no dia de seu desaparecimento material da vista dos homens, embora taes linhas não se destinem originariamente á «letra redonda» e sirvam apenas para suscitar commentarios “inter-amicus”. Eu, porém, responderia que a vida dos homens excentricos, como a dos homens publicos, a dos grandes, e a dos talentos, não lhes pertence exclusivamente. Fazem parte do patrimonio commum.

As originalidades do Magalhaens, por exemplo, são uma potaba de Deus aos curiosos...

Ricardo, coitado! adquirira o “habito das circulares”, numa *republica* do Rio, segundo a tradição mais vulgarizada. Dizia-se, porém, aos cochichos, em certas rodas (e principalmente no gamão commum, todas as tardes jogado na pharmacia nova), que o habito era mais velho, adquirido em sua terra natal, no interior de Pernambuco. Dizia-se até que esse genero de missivas, o levára ao Recife, para onde seguira entre um rumor de escandalo...

Esses ultimos boatos eram discutidos em surdina, com ares mysteriosos, porque, mau grado ser notadamente ordeiro, o Magalhaens tinha exquísita fama de valente, de escaldafaves. O proprio Miguelinho, filho do cabelleireiro Amancio, cuja reputação de arruaceiro-amador, era por todos conhecida, provada e respeitada, tinha uma rupulsa íntima, calada mas visível, ao pobre Ricardo Louco, á qual se juntava innegavelmente um receio de “medir forças”... E quando se dizia que “o bom homem Ricardo” (assim chamavam

ao Magalhaens, piedosos e *entendidos*, ironistas da terra) só tinha de louco e temível, o *habito* extranho — o Miguelinho do Amancio dizia em voz baixa, piscando um olho maliciosamente, sungando a calça suja ou encaracolando as me-lenas ruivas, com os dedos chatos e callosos:

— “E’ um boim rapazola; um mija-manso, um mija-mansinho...”

E dito o calão, ria para ficar depois silencioso, olhando a rua, ou trauteando a musica mais brejeira da ultima serenata.

O que sei ao certo é que, se ia á caça, matava sempre muitas perdizes, victorias bem melhores do que as de Tartarin, Nemrod de Tarascon. Quanto a fanfarrohadadas, nunca as teve senão quando se tratava de perdigueiros e tiros certos, entre um gole de *refresco* e um lance de carta, na esquina do capitão Netto. Mas, todos os caçadores são assim.

Os cochichos acrescentavam isto, jurado pela gente “das rodas”, *á pés juntos*: na capital pernambucana a mania de Ricardo, meu bom Ricardo, se desenvolvera de modo inquietador. Afinal, a obsessão era apenas esta: elle, o *enfant terrible* de calça comprida, escrevia urna bem feita epistola amorosa, capaz de desnortear a petulancia politica duma Cleopatra, numa calligraphia admiravel, todas as letras de tamanhos eguaes, todas as phrases perfeitamente harmoniosas, tirava uma duzia de cópias, (conforme o numero das victimas) e distribuia “as circulares” como dizem que as denominava o autor. Ricardo era elegante, maneiroso, empregado da prefeitura, de muito boa familia, com um “aens”, no nome (embora seus maiores tivessem um simples ~...), e era quasi sempre aceito... Por alguns dias tinha assim a original ventura de jurar a differentes moças, que as ia *pedir*. As coitadas agradeciam fervorosamente a Santo Antonio, a graça obtida; as torres esguias e candidas da grande igreja, encimadas por gallos sanguineos atrevidos, lhes pareciam mais bellas, mais augustas, dominando o pezado corpo “barroco-jesuítico” do templo.

E o Magalhaens ria, Nero do amor, metido em burocraticas funcções, deante de chammas breves que annunciavam a escuridade... Garnia a mesa do gabinete com flores recebidas por creadas discretas, contente da victoria, embora fosse suspicaz por experiencia. Não lhe era, nem podia ser, desconhecido que taes vinculos eróticos em pouco se deliriam; e elle ficaria abandonado. Abandonado, sim — mas não abatido, porque, como um demente, elle o que havia desejado fôra esse

triumpho ephemero, deliciosamente ephemero... Dentro de certo tempo, a tal posição de "multi-quasi-noivo" era insustentavel; o falario das *amigas* era o canhoneio previsto e temido, que tudo derrocava, que punha tudo ao chão, peor que as pragas do Egypto. E o Magalhaens recuava, seguindo as prescripções duma habil tactica de rompimentos consecutivos. Já alcançara seu ideal e se contentava com uns mezes de inactividade romantica, durante os quaes se queixava de amores infelizes, perfeita humanização de crocodilo.

Repetira (diziam alguns) essa operação trez vezes, em sua terra natal e apesar do geito, que innegavelmente possuia para o manejo, fatalmente se desmoralizara. No Recife, esteve dois annos "nos estudos", porem, trez vezes mudou de residencia.

E como da capital chegavam uma ou outra vez, noticias indiscretas de taponas, em noites de luar, e coisas desse jaez, o "pequeno" dos Magalhães foi mandado "á Côrte", como numa reminiscencia monarchica os matutos chamavam, á Capital Federal. Dizem que lá andou pelas delegacias, uns negocios de serenatas, mas é possível que seja mera invencionice. O provavel é a continuação das *circulares*, e o certo é que seu nome andou num jornal critico, taxado de "nome de guerra dum perigoso aventureiro recifense"...

E o Magalhaens veio para cá, faltando apenas um anno para ser bacharel, mas dizendo até que defendera these. Uns chamavam-no o *doutorzinho*; outros, nem isso. Entre os ultimos, estavam incluídos o Miguelinho e vendeiro Pardal...

*Semi-doutor*, foi commerciante (quem o diria?!); fallido; mau professor; homem de bem; D. João de sorte; poeta notavel; chronista mundano; homem caipora e por ultimo, funcionario da prefeitura. O pai morêra; D. João platonico não se emendou.

Ficou desacreditado.

Mas o *De Magalhaens*, como elle se assignava nos jornaes, (poeta... por sport.) era um bom rapaz. Suspeito dos burguezes, do padre Miguel e dos grammaticos indigenas, elle os desprezava, a todos apellidando de caturras.

Ultimamente andava gasto, doente. Contrainha uma paixão, sua paixão veridica!. Mas o idolo fugia a seus rogos, *com medo de novas circulares*... Coitado do Magalhaens! Foi um abalo.

Penou seis mezes sobre a terra, pensando que suas continuas provas de amor e a falta de intrigas patenteassem a boa vontade sua. Fez os seus mais bellos versos, andou magnetizado por um revólver, pagou ao senhorio, o diabo enfim!

Por duas vezes chegou a se atirar da Ponte Branca, nas aguas tumultuosas do rio, (dizem) mas tinha a infelicidade de saber nadar maravilhosamente.

Afinal, a morte resolveu amparar o pobre Magalhaens. Morreu. O dr. Cassiano escreveu no obito que "do coração", numa ironica perversidade, magoando a quem matara o infeliz...

Não sei se na Municipalidade hastearam bandeira a meio pau, nem se os jornaes elogiavam o poeta morto. Talvez não, porque elle ganhava na prefeitura dois mil e quinhentos reis por dia...

O tempo continua mau. Quererá que não haja festa, á tarde? Maldita natureza!

Penedo, 1921

JURANDYR GOMES



## SIMPLICIDADE

— Tiro das tuas palavras o conceito que ellas suggerem.

— E qual é elle? Vejamos...

— E' que tudo quanto me tem ultimamente acontecido só tem uma causa, uma unica: a minha bondade. Sou bôr de mais.

— E's simples.

— Simples? Porque não dizes francamente: tola?

— Não: insisto no que disse: simples. Tens, como se costuma dizer, o coração na boca. A tua bondade transborda em ternura, mas essa bondade compromette pelo excesso e tambem por má applicação.

Um millionario que se puzesse á janella do seu palacio, entre cofres abarrotados de ouro, lançando moedas á rebatinha, seria tomado por doido e, desde logo, levado para um manicomio. O que fazes com a tua excessiva ternura é tanto como isso. A bondade deve ser pesada na balança da ponderação, dando-se tanta quanta baste para que produza o beneficio desejado. A demasia dará a quem a receba o direito de a julgar segundo a propria maldade.

E's meiga, naturalmente carinhosa, incapaz de maltratar a quem quer que seja, e demais a mais, timida.

Tudo isto que revela a perfeição da tua alma concorre para expor-te aos males que tens soffrido — desde a ingratição até quasi a affronta e, entre taes extremos, todos os abusos dos que, descobrindo a tua fraqueza sentimental, entram por ella causando-te os aborecimentos de que te queixas.

Quanto mais precioso é o thesouro maiores de-

Ninguém confia preciosidades a uma gaveta sem chave, guarda-as em cofre de ferro, com fechadura de segredo.

Deve-se ser bom, visto que a bondade é a expressão divina d'alma, mas com cautela.

A rosa não se nos nega, inclina-se toda na haste a oferecer-se-nos, mas se a não colhemos com jeito fere-nos com os espinhos.

Tu não recibes em tua casa, acolhendo-o na intimidade, ao primeiro transeunte que te bate á porta. E se tens escrupulos em dar entrada no lar ao estranho, como te abres em sorrisos com uma creatura com quem pela primeira vez te encontras em um salão e tens com ella confidencias que são segredos de tua alma?

Se não consentes que violem as gavetas dos teus móveis, onde guardas fitas e enfeites, como expões abertamente a um estranho, cujo character desconheces, o que tens de mais intimo e precioso: a alma?

Fazes mal, arrisca-te a muito e o que tens soffrido dos ingratos, aos quaes tens acolhido com tanta meiguice, bem pode ser um aviso da Providencia para que te ponhas em guarda contra os infames.

Affirmam os philosophos que a mulher é um ser enigmatico em cuja alma, que é como um labyrintho, quanto mais se aprofundam mais se acham confundidos. Esse labyrintho, minha amiga, é a nossa unica defesa.

Façamos como a aranha que tece o fio da sua teia, não para que sirva de guia, mas para que enlice e prenda.

Se dissermos o nosso segredo terrivel perderemos a nossa força que é... nenhuma.

Sim, nenhuma. Nós somos como esses animaesinhos frageis que, por não disporem de presas nem de garras, servem-se da astucia e com ella conseguem vencer aos mais poderosos.

O teu mal é a simplicidade — caminhas entre inimigos completamente desarmada e, mais ainda, denunciando as proprias fraquezas. Fazes mal. Sê mulher, quero dizer: sê maliciosa e subtil.

— Queres dizer: hypocrita e má...?

— Nem hypocrita nem má, quero que vivas como devamos viver.

— Transformando-me no que não sou...? Nasci assim...

— Nascestes assim... Ora, minha amiga. Nós nascemos nuas, nem por isso apparecemos na sociedade como entramos na vida. Pois se trajamos o corpo, porque não havemos de vestir a alma com aquilo que chamamos discrição e enfeites de convencionalismo?

Nem todos os nossos pensamentos sahem em palavras porque se sabissem fariam escandalo. Nós comp

o circulo em que ellas têm de soar, vestimo-las, não é verdade?

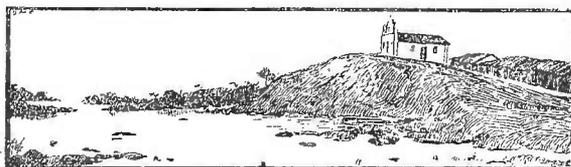
Tu, não. Ha phrases tuas que seriam despuadores cynicos se não fossem ingenuidades. Não tens malicia e, como o pudor é filho da malicia, não havendo esta não pode haver aquelle. Taes phrases, porem, que, para nós, as tuas amigas, são innocentes e encantadoras como crianças travessas, os estranhos interpretam-nas maldosamente e de taes interpretações tens tido ultimamente as provas; e se não te corrigires quem sabe o que ainda poderá succeder!

Falo-te como amiga. Sou mais velha do que tu e ando ha mais tempo nesse mundo complicado, cheio de enredos, cntralhado de intrigas que se chama a sociedade, onde todos se festejam sorrindo, não por amizade, mas para que se lhes vejam os dentes. Arma-te, exercita-te, deixa essa simplicidade...

— A minha pelle de burro... como a da historia...

— Não, a tua pureza infantil e lembra-te de que vives entre feras. Sê astuta e prudente, pesa bem as palavras que disseres e pratica a bondade de modo que te agradeçam a generosidade, mas que te não chamem de tola nem tomem o impulso do teu coração por uma fraqueza do teu character. Sê boa com altivez como o sol, que illumina lá de cima.

COELHO NETTO.



## DOIS IDIOTAS

Eram dois idiotas — mãe e filho.

Ella — velha cabocla, de cara encarquilhada como uma casca de nóz, as sujas madeixas grisalhas a fugirem de sob o lenço sujissimo, embrulhada em farrapos nojentos e com uma singular tremura do maxillar inferior, que mais accentuava ainda a convidade da bocca, erma de dentes.

Elle — de corporatura athletica, physionomia alvar, tez mais carregada, revelando no encarapinhado da grenha o sangue de negro e tão sujo, tão maltrapilho, tão repellente como a mãe.

Nha Tuca *bamba* e Feliciano *bambo*, era como os conhecia a população inteira, sem falha de uma só alma ou de um só desalmado, da vetusta cidade, typicamente colonial nos seus predios acaçapados, nas suas janellas de rotulas, nos chatos, larguissimos beirae e nas ruas impossiveis, onde, ainda, pelo tempo, viçava o capim e realizavam-se congadas e cayapós, com enorme estar-

dalhaço e na qualidade de complemento directo obrigatorio de certas festividades religiosas, que as vassouras do cosmopolitismo vão varrendo para a valla commum da indifferença.

O filho vivia de recolher e rachar lenha, de ir ás nascentes buscar agua a quem não n'a queria dos poços, de todos os biscates, em summa, que constituem o substractum da vida desses parias miserimos, que escassamente vivem das migalhas, sejam do trabalho, sejam da paga, de uma agglomeração urbana qualquer.

A mãe, essa, esmolava apenas.

Cantavam e dançavam ambos, porém, quando alguem, que na sua miseria achava divertimento, lhes dava um nickel para isso.

A dança era um rudimentar, mero sapateado; o canto, uma melopéa, tristissima na sua monotonía, em que os sons gutturaes e insignificativos preponderavam sobre as palavras.

Si, porém, não havia nelle melodia apreciavel, o rythmo era perfeito, como acontece sempre com as ideias musicas dessas mentes retardatarias ou regressivas.

Às exhibições vocaes e choreographicas das duas miserandas creaturas o elemento garotagem era chronico e, com frequencia, expandia a sua malvadez congenita em vaias, apupos e pedradas, a que vinham em troco palavrões medonhos, barbaridades de arrepiar; bramados por mãe e filho, ambos com escuma nos cantos da bocca, ambos a espirrar ascuas de ira dos olhos congestos.

Da degenerescencia, o minimo, lamentavel expoente. Tarados, successores de uma hedionda herança, os dois alcoolatras inveterados, frangalhos humanos, batidos nas mais sordidas taboas da vida, apenas um ponto os identificava com a gente normal, lh'os igualava, ou, mesmo, os punha acima della: — o amor da mãe pelo filho, a canina dedicação do filho pela mãe.

Ao Feliciano *bambo*, quando, nos dias bons, lhe davam, ao almoço ou ao jantar, afóra o arroz, feijão e farinha, um pedaço de carne, qualquer coisa de melhor, deixava-a aparte e *post-pastum*, pedia uma *foia de papé*.

— P'ra que, Feliciano? — perguntayam.

— E' p'ra levá p'ra nha mãe.

Quando, entre as esmolos catadas por portas pela velha cabocla, vinha qualquer coisa mais assim, menos ruim, punha-a ella de parte.

— P'ra qué, nha Tuca?

— Isso é p'ro meu fio.

Haviam-se enlurado os dois lá no Anhangabahu, nos escombros de uma igreja de taipa, soccada pelos bugres aldeados pelos jesuitas.

Cada um daquelles animaes hominios havia eito o seu ninho em uma das capellas lateraes:

e onde fôra o altar mór, um bando de santos, santinhos, tócos de velas de cera e cebo enchiam e preenchião o vacuo deixado pela imagem ausente.

No fim abrupto do morro, que parecia o corte de um machado titanico, passava, defluindo lento, um ribeirão — o Guapeva.

Um oleiro italiano, de iniciativa mais ampla, ali armára uma arataka, para movimentaro a massador.

Era como que uma caricatura, no singular, das famosas rodas de Marly.

Entre as pás dessa roda dagua, cuja potencia uma chuvarada multiplicára, o corpo do Feliciano *bambo*, sumido ha dias, foi encontrado engastalhado, moido, exangue e lavado, rostido pelos pedregulhos do fundo.

Foi a propria mãe quem o achou.

No primeiro dia, não aconteceu nada; no segundo, nha Tuca andou de casa em casa, de porta em porta, á cata do filho.

— Vancê viu o Friciano? — era a pergunta só, que sahia daquella angustiada, suja, mal cheirosa bocca de mãe. Ninguem o viro.

Quando ninguem o tinha visto, nem sabia delle, onde ninguem soubera nem vira, Tuca advinhou.

Soube-se do achado porque uns moleques, pescadores de lambarys, impressionaram-se com a immobibilidade daquella estatua de immundicie á beira dagua.

Vislumbraram os traçalhos do corpo de Feliciano e, desistindo das cóvas, jogando fóra as varas, correndo a perder folego, foram dar o alarme.

A ronqueira, enferrujada geringonça da sentinella avançada da sociedade poz-se em movimento. Com delegado, escrivão, quatro gatos pingados, representando a força publica e um magote de curiosos, o corpo foi, em pedaços, extrahido dentre os pranchões de peroba, levantado, identificado e enterrado.

Isso foi por volta de janeiro ou fevereiro. Dalli, daquelle comoro de barba de bóde nha Tuca, só se movia quando o estomago gritava bem alto. Então subia para a cidade e esmolava a comida.

Por uma fria madrugada de fins de maio, ou principios de junho, embolada, a cara entre as mãos, as mãos entre os joelhos, as gadelhas, agora só amarellas de sujeira, esborrifadas á volta, houve alguem que visse nha Tuca.

Da geada da noite, ainda restavam, aqui e alli, uns crystaesinhos.

Delles, refrangindo-se nas facetas, o empalamado sol de inverno tirava chispas.

Nha Tuca estava morta.

Alli, ao par, bem junto, pacotinhos de papel.

Num, uma carcassa de gallinha; noutro, um

# SUPPLEMENTO

**A vida anecdótica e pittoresca dos grandes escriptores**

**Ricardo Gonçalves**

Ricardo era um desses seres privilegiados a quem a Providencia dotou ao mesmo tempo de uma intelligencia superior e de um enranhado affecto á sua terra e á sua gente. Difficilmente se encontrarão reunidas tantas qualidades nobres, tantas virtudes, como as que exornavam o mallogrado poeta que foi ao mesmo tempo distincto advogado e eximio prosador. A sua modestia exagerada, mas modestia não calculada, antes assim como que necessidade do seu temperamento extraordinario, deveu o digno moço a quasi obscuridade em que viveu e da qual os amigos e dentre esses, Roberto Moreira, Martins Fontes, Monteiro Lobato, Arthur Ramos e Capote Valente, raras, rarissimas vezes o conseguiram arrancar. Grande cabeça, grande coração, elle era em tudo um excessivo. Aos seus amigos, queria com o affecto carinhoso de um verdadeiro irmão! Nos seus melhores dias, o seu verdadeiro gozo era ter ao seu lado, á sua mesa ou no seio das florestas, na vastidão dos campos, entre a Natura principalmente, um ou mais amigos, aos quaes deixava os arcanos do seu peito, deixando jorrar em borbotões a exuberancia do seu mimoso talento, as perolas mais raras da sua alma de artista e de filho verdadeiramente amante da creação... Aos extranhos e aos nullos parecia Ricardo um exquisito, um sorumbatico, um triste — mas não; o inditoso emulo de Euclydes da Cunha era de uma natureza essencialmente plasmada para apprehender as mais sublimes e arrojadas concepções da vida, da belleza e da perfeição! Ricardito foi um desses entes que vivem «ouvindo estrelas» porque a delicada sensibilidade do seu "Ego" lhes permite ouvir-as e entendel-as; porque as almas das flores são irmãs das suas proprias almas; porque a mais medrosa das avesinhas os conhece e ama; porque repugnando á aobreza dos seus sentimentos a maldade dos homens, elles buscam na solidão e no convívio dos brutos, a «affectividade», que é a razão de ser de sua existencia. Ricardo foi um puro — e foi um bom! Foi isso que o matou.

Eu não acabaria nunca, se quizesse enumerar aqui os rasgos de bondade desse mancebo tão prematuramente roubado á terra de seu berço; eram elles communs; eram a preocupação de seus dias; e praticava o bem, modesta e obscuramente, admirando-se naturalmente, quando devido a alguma traição do acaso, o elo-giavam pelo bem que espalhava; furtando-se systematicamente a qual-

quer prova de gratidão... Era perfeito!

A sua bagagem litteraria infelizmente dispersa e quasi no olvido, é o espelho em que se reflectem todas as modalidades da sua alma sublimemente amante; do seu coração profundamente sincero e bom. Um roubo que ainda hoje lamentamos como um crime, priva-nos hoje de reproduzir aqui, alguns versos ineditos do pranteado poeta! A nenhum dos eleitos do Parnaso, da presente geração, se applicaria como a elle com tanta propriedade, a sentença de Hugo: — «Toda a creança é até certo ponto um genio e todo o genio é até certo ponto uma creança!» — Ricardo era assim um composto destes dois extremos. Assim a sua obra. A sua lyra magica tinha ternuras desconhecidas; elle cantava a poesia campesina, a belleza da nossa flora, a simplicidade do nosso matuto, com o mesmo desprendimento que a creança põe nos seus brincos, com a mesma emoção, com a mesma segurança do sábio nas suas arrojadas descobertas.

Tambem a matta virgem para elle não era avaza dos seus segredos.

Ricardo ria pouco. Só uma vez, o vimos gargalhar perdidamente. Foi Lobato o causador dessa hilaridade, numa noite memoravel, em que a sala de Ricardo, encantadora e convidativa, fora transformada em cenaculo, o que ás vezes succedia. E uma satyra mordaz, cortante, mas innocente, como soem ser os estyletes humoristicos daquelle querido prosador foi causa de uma geral barrigada de riso...

Núm dos seus «mergulhos» no sertão, lá para as bandas de Catanduva, uma pobre mãe moribunda, descrida do esposo, ébrio inveterado, entregou-lhe uma filhinha. Recebendo o encargo, prometteu Ricardo velar pela pequenita e assim o fez. Dispensando-lhe o carinho paternal, educando-a na rectidão dos seus costumes. dir-se-ia que o seu espirito velou por ella, até d'alem tumulo, pois que a pequena abandonada, já então adulescente, após a sua morte, soube portar-se á altura do nome do seu bemfeitor: casou-se bem, é sempre com lagrimas na voz que se refere ao seu pai adoptivo e até hoje, naquella fatal onze de Outubro, ella lá vai depór no tumulo quasi esquecido do saudoso vate, as flores e as lagrimas da sua gratidão.

Residia então Ricardo nas Perdizes. Um querido amigo seu que foi tambem distincto e mallogrado jornalista, teve nessa epoca dias sombrios. Ricardo, com a sua habitual delicadeza, fazia milagres para acudir o pobre moço, sem ferir-lhe a natural susceptibilidade: ia buscá-lo diariamente, inventava pretextos, armava ciladas e quando tudo falhava ordenava que se transportasse o «potage» para a casa do amigo em questão...

Ricardo odiava os preconceitos de casta.

Uma vez, viu elle um dos seus filhinhos affastar-se receioso de um pobre rapazinho, um preto: chamou, penalizado, as duas creanças e fez sentir ao seu filhinho que ambos eram eguaes; que a diversidade de cor e de posição não impedia que nas veias de ambos circulasse sangue igual... E momentos após, as duas creanças, felizes, traquinavam sob o olhar humido de Ricardo, que se esquecia a contemplal-os...

A ama de um dos seus pegnerruchos tinha um filho que lhe era muito affeccionado. Por qualquer cousa de sobrenos importancia, a ama deixou a familia. Semanas depois adoeceu o menino e Ricardo, sabedor do facto, mandava diariamente o medico ao pequeno; visitou-o muitas vezes e fez a expensas proprias o enterro, que acompanhou de cabeça descoberta: foi isto em S. José dos Campos e o medico do menor foi o Dr. Mario Galvão.

Como Ricardo se sentia feliz quando ia, espingarda ao hombro, chapéu desabado, rumo da casinholá de algum Géca! Ás vezes em casa estavam á sua espera para o almoço, emquanto elle, socegradamente, comia lá numa cabana ignorada virado de feição com torresmos e depois tomava café com garapa...

Certa vez, com a familia e outras pessoas amigas, formou elle uma caravana e foram fazer uma estação em Ubatuba, com escala em S. Sebastião. Uma vez nesta ultima localidade, alugaram ao Padre Jayme, vigário da parochia, um casinholo onde arrancharam. Entre os excursionistas achavam-se o Arthur Ramos, amigo querido de Ricardo, o seu Cunha, o Honorato Pimenta, o Luiz Gonçalves, irmão de Ricardo, a familia de ambos, etc.

Séduzido pela perspectiva da caça, que alli havia em abundancia, apretou-se o afficionado Ricardito e com alguns companheiros embrenhon-se na matta. Tres dias e tres noites durou a excursão: no raiar do quarto dia, regressaram os intrepidos caçadores, conduzindo os despojos da matança, para o exito da qual dormiram tres noites num rancho improvisado e se alimentaram de fructas e mel, como anachoretas. De S. Sebastião seguiram para Ubatuba, que Ricardo ansiava por conhecer. A quasi abstinencia a que eram obrigados alli, por ser um logar falto de tudo, punha um sainete de tragedia naquella viagem, mas a alegria, o bom humor dos itinerantes fazia «pendente» com o café de garapa, com a farinha de mandioca, com o peixe cozido com banana verde — os melhores pitões da zona e as esteiras de tabôa — unico leito que poderam encontrar.

A alegria ruidosa da caravana transbordava. Pela manhã, os mais bulhentos despertavam a tiros os

## Curiosidades literárias

### Às senhoras bahianas

Pedem-se donativos para uma sociedade abolicionista. Quem pede? Quem pede são homens que vos dizem simplesmente: Para nossos irmãos! São escravos que vos repetem com a monotonia da verdade: Para nossos filhos! E a quem se pede? Não é a vós, banqueiros ou millionários, ricos ou poderosos.

Não! Ha um instincto e um pudor nosse pedido. O pudor diz: a esmola de uma moça não humilha. O instincto diz: o coração de uma virgem não faz economia.

Pede-se a vós, senhoras, a vós donzellas! a vós crianças! A caridade pede «a vós que sois a caridade!»

E' que o nosso coração acostumou-se a encarnar a virtude primeira do christianismo na forma purissima da mulher — charitas!

Symbolo divino, esta figura cujos braços semelham duas ramos pesadas de fructos, em cujo rogaço as creanças abandonadas se entrelaçam como as aves de um só ninho... esta figura benéfica — é a synthese de uma religião, é a deificação de uma classe!

Acolá está todo o espirito do christianismo, todo o futuro da mulher na sociedade moderna.

De seculo em seculo os homons ganharam um plano no terreno da liberdade e do pensamento. As victorias da mulher foram no terroro da amor.

O Christo disse aos apóstolos: ensinai a todas as gentes! Mas disse ás mulheres: Amai a todas as gentes!

O amor era uma corôa; desde então a caridade foi um resplendor. Houve dilataçào no circulo dos affectos.

A estatua da esposa grega tinha os pés sobre uma tartaruga para lembrar-lhe a immobillidade do coração. Seu universo é o lar.

Vede-lhe a antithese! Um vulto ideal de moça traz nas sandalias o pó de todos os hospitacs para lembrar-lhe a universalidade do seu coração. A irmã de caridade tem por lar o mundo inteiro. E' que os antigos mal tinham soletorado neste livro mystico que se chama a virgem.

Para que fizeram os deuses a rosa lubrica dos labios? Para os beijos diziam elles.

Nós dizemos: Tambem para a prece.

A mão alabastrina da musa saphica vai bem na lyra eburnea, mas é divina levando um crucifixo á bocca de um moribundo. Achaos formosos os cabellos da Venus marinha, ainda rorejantes das perolas do oceano?

Eu chamo de sublime á cabelleira loira de Magdalena, quando enxuga os pés de Christo.

Depois... Quereis que vos diga a verdade? Vós tendes, minhas senhoras, o direito e o dever de protestar e condemnar nesta questào. Porque sois as bellas filhas desta idade que se illustrou por George Sand, o Emilia Gerardin, por Mme. de Stael e Harriet Stowe.

Ainda mais: porque sois filha desta magnifica terra da America — pa-

tria das utopias, região criada para a realização de todos os sonhos da liberdade, de toda extincção de preconceitos, de toda conquista moral.

A terra que realizou a emancipação dos homens, ha de realizar a emancipação da mulher. A terra que fez o suffragio universal, não tem direito de recusar o voto do metade da America. E este voto é o vosso.

E' o voto dessas mães de familia que aprenderam no amor do seus filhos a ternura pelas crianças... «ainda que negras». E' o voto dessas virgens purissimas que choram de ver scenas repugnantes da escravidão turbando a poesia da familia. Oh mães! Oh virgens! Protestae em nome de Maria «Mater creatoris». Protestae em nome de Maria a virgem — «Virgo oastissima».

Houve um tempo em que a matrona de Esparta levava o filho ao banquete do opprobrio e da miseria moral. O ilota tinha a significação do distico espartano: Enojate. Hoje a matrona leva o filho ao ergástulo da escravidão. O escravo aviltado tem, porém, a significação de um verso biblico: Compadece-te.

Nas horas serias da humanidade, no berço ou no tumulto das grandes cousas, quando uma raça expira, quando um povo se ergue, quando um reino desaba, quando uma revolução se forja; um vulto eleva-se banhado nessa belleza mystica da fraqueza feminina, e por cima do turbilhão das almas indecisas passa a inspiração febril da Cassandra — a prophetisa do Hypathia — a metaphisica! — o punhal do Judith — a regicida! — do Joanna d'Arc — a donzella! ou a poana fulgurante de Beecher — a abolicionista!

E não terá chegado um desses momentos?

Oh que sim! As ondas liantes do seculo já apagaram ao longe das duas Americas todas as instituições escravocratas. O diluvio da abolição veio lavar as continentes para as novas gerações.

Só em torno desta terra brasileira é que roem as vagas do ultimo rochedo que abriga as cousas que hão de morrer.

Ha uma pagina assim no «Céu e terra» de Byron. «Ao clarão sinistro e livido que tomou conta dos ares», os vultos dos arcanjos amorosos olavam-se do abysmo, carregando nas asas refulgentes as noivas que adoraram sobre a terra!...

Oh virgens! O cataclysmo rebrama Vamos! Estendei estas mãos alvissimas!

Carregae para o céu dos livres, estas criancinhas agonizadas, que vos chamam balbuciando.

E depois, vós bem sabeis, a bondade é tambem uma belleza. E quereis que vos diga? Eu penso que uma acção bonita deixa sempre um irradiamento no olhar, um relampago na frente.

Ha dias em que a formusura delumbra. E' quando o anjo da guarda beijou contente a face da donzella.

Demais, que é que vos pedem?

Pouco o muito. — Pouco pelo que vos ha de custar. Porque enfim, as flores de um bordado nascem melhor sob vossas mãos ligeiras do que os lilazes aos afagos da primavera... Ao vosso halito suavissimo, o velludo amoroso rebenta em lirios e em borboletas de seda... E o bastidor es-

dorminhocos. E no meio desses loucos, só Ricardo conservava os seus modos commedidos, discretamente satisfeito. Um dia um dos rapazes que já agora, entrara para o rol dos homens serios, inventou um passeio á «Praia da Enseada», onde o chamava e attrahia um «lindo par de olhos», uma perola perdida naquella solidão.

E alli, durante quinze dias, os viandantes, enquanto o endiabrado rapaz bebia o céu pelos olhos da amada, tiveram que passar a café e carne secca!... Mas a séde de aventuras ainda não fatigára.

Inventou-se ir d'alli á ilha dos Porcos, de balsa, afim de attender a um convite que fora dirigido ao Ricardo.

E se bem se pensou, melhor se fez. Eis a balsa pejada de homens, senhoras e creanças, rumo da ilha dos Porcos, impellida por quatro remeiros sob um céu claro e limpidio.

Subito, uma nuvem negra passa. O céu se turva, ribomba célere um trovão e a tempestade desaba quasi immediatamente. O Cunha ria-se e praguejava como um pagão; os outros procuravam animar as senhoras, que gritavam loucamente; Ricardo e a sua pupilla, ao fundo da balsa, auxiliando a retirada da agua que ameaçava submergila, não soltavam palavra; dir-se-hia que na presciencia do seu tragico fim, achava-o o pobre amigo, rodeado de entes queridos, suave e consolador!...

A tempestade durou toda a noite. Toda a noite lutaram os excursionistas contra os elementos, com agua até os joelhos.

Pela manhã, quando exhaustos, desorientados, o temporal amainou, achavam-se proximos da praia e os soccorros de terra não se fizeram esperar.

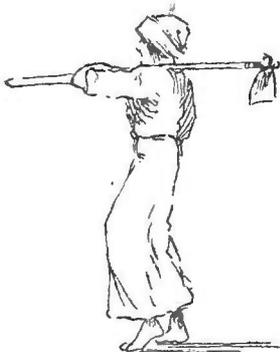
Quem sabe se, depois, no dia fatal, no derradeiro olhar lançado á senda percorrida — naufrago salvo das agnas, mas naufrago da vida — não reviu o querido companheiro essa noite, e não lamentou ter sido poupado então!...

\*\*\*

Eu fui entre os seus innumerous amigos o admiradores, o mais obscuro o ignorado. Elle mesmo talvez, ignorou sempre, o grande affecto que me soube inspirar.

E-me grato por isso — gosto acerbo dos que amam fallar de cousas que os fazem soffrer — despentalar sobre a sua campã, estas flores emurchecidas de pranto e de saudade...

M. VILLAÇA DE CANARJO



trela-se de missangas, como se tece de constellações uma noite luxuosa de Equador.

— Muito, pelo resultado que isto importa.

Imagino que estaes só. Acabastes de ler a ultima pagina de um livro querido do vosso escriptor predilecto, a «Pata da gazela», talvez... e ficaeis scismando... em que? no heróe, no desfecho, nessas visões seraphicas, que povoam os corações das virgens... Depois, como se a tristeza vos ficasse de matar nesta cabeça espiritiosa, sacudis a onda magnetica dos cabelos e deixaeis cair entre perfumes a seisma que vos pesava como um diadema... que fazer? Um desenho? Uma aquarella? Mas a palheta está guardada, o album vos foi pedido por alguém.

Enfim é impossivel.

Se ao menos fosseis tocar aquella musica tão bella de Göttschalk — Ojos creolos, que o maestro compos advinhando os vossos olhos... Mas nestes dias de inverno o piano está humido e preguiçoso; demais sois nervosa, e as teclas geladas produzem um arrepio irresistivel. Vamos, senhora, não ha remedio. Tirae de vossa cestinha de costura esses fios de seda ou de ouro. Sentae-vos ahí junto dessa janella por onde o ceu vos mira, sorrindo nessa limpidez do azul. Trabalhae, criança... assim! Meu Deus! Como sois bella! Sabeis. Sois a parodia celeste da Parca. Tendes nos dedinhos cor de rosa o fio de uma vida... mas um fio de seda... uma vida de liberdade tecida por vossas mãos angelicas, ó Genio da Caridade?

E agora eu vou concluir; mas antes deixae que vos lembre uma historia.

Dizem que houve uma rainha em cujo regaço as moedas que levava aos pobres se transformavam em flores.

Donzella! Vós tambem fazeis milagres. Em vossas mãos as flores vão transformar-se em ouro para a remissão dos captivos.

CASTRO ALVES

## O Centenario de Flaubert

O mundo das letras é tambem o mundo das desaffeições:

Não ha duvida que os grandes escriptores tiveram amigos, mas somente por isto — porque foram grandes.

De que não é inutil ser amigo de um grande escriptor, tivemos prova ha hem pouco, quando Ruão commemorou o centenario de Flaubert, seu glorioso filho.

Mais alguém mereceu, então, as honras tributadas ao excelso autor de «Salammbô»: Luiz Bonilhet.

Poeta e escriptor dramatico, Bonilhet jámais conseguiria pelo valor de suas obras semelhante homenagem da posteridade. Foi, porém, tão intimo amigo de Flaubert, tantas attenções o tanto carinho este lhe dispensou sempre, de tal forma a vida de ambos se confundiu, que os promotores dos festejos julgaram dever reverenciar tambem Bonilhet, até mesmo porque isso só poderia ser grato ao proprio Flaubert...

E assim acouteceu.

O extraordinario escriptor de «Madame Bovary» — diz o «Temps» — da-

va grande apreço ás apreciações de Bonilhet sobre o que escrevia e mostrava, trecho a trecho. E o que é peor é que, dominado pela profunda affeição que dedicava ao poeta e dramaturgo, Flaubert, ás vezes, modificava o original — com prejuizo de sua perfeição. Tal succedeu, por exemplo, com a «Tentação de Santo Antonio». Cedendo a suggestões de seu amigo, Flaubert refel-a tres vezes, e cada vez com menos felicidade, o que se verificou posteriormente á sua morte: encontrados os dois primeiros originaes, reconheceu-se qão grande era a superioridade de ambos sobre a edição definitivamente dada á estampa!

Pelo exposto se vê que, talvez, nem mesmo os grandes escriptores tenham amigos...

A proposito do centenario do immortal estylista, publicou a «Couvain-saince» uma curiosa paraphrase da prece christã Padre Nosso: «Pae Flaubert, que estaes no céo, glorificado seja o vosso nome, continuee em vosso reino, seja observada vossa pureza em vossos vocabulos e em nossas phrases; nossa inspiração quotidiana nos, dae hoje; perdoae-nos nossos erros de francez, assim como perdoamos aquelles aos quaes temos criticado. Não nos deixeis succumbir á tentação da «reclame», mas nos livrae da Academia. Amen».

Da Academia e de amigos como Bonilhet...

C. L.

CORLHO NETTO

## Páginas esquecidas



## O Vocabulario

As palavras têm seu meio proprio.

Ha expressões que não ousam penetrar em uma sala, ficam á porta, espiam e, vexadamente, recuam; outras nunca chegaram ao limiar da porta... e, si alguma vez isso succede, o espanto é extraordinario.

Quem supporta, por exemplo, um hispido, escabroso vocabulo de gyria na bocca delicada de uma senhorita elegante? dá-nos a impressão duma lesma sabindo de uma rosa.

Aconteceu-me, certa vez, parar esgazead, tolhido em verdadeiro espanto, ouvindo um negro boçal, de grandes, pendurados beiços, dizer, com enfatuado aprumo: «odorifero».

Si um cavalleiro, em traje de rigor, rompesse de uma bairuca, com as botinas de verniz enfiadas na bengala, desengonçando-se em uma chula sarrafaçal não seria tão grande a minha surpresa.

«Chacun á sa place.»

O vocabulario... é o homem.

## Os Nossos Poetas

### Julio Cesar da Silva

Existe em São Paulo um grande poeta. Existe ha muito, quasi ignorado. E', decerto, um dos mais velhos da divina grey. Aureola-lhe o nome um nimbo longinquo de glória. E' quasi uma figura do passado, a que nem faltam uns toques lendarios para justificar a nossa admiração surpreza ante o seu resurgir victorioso em plena vida, na plena actualidade dos nossos dias.

Temos sob os olhos a «Arte de Amar», de Julio Cesar da Silva.

Esse nome conhecem-n'o muitos. E' um nome glorioso nas letras nacionaes. Versos, porém, só se lhe sabem esparsos, um ou outro soneto, uma serie delles, quando muito, todos perfeitos, de admiravel acabamento, lapidares e transbordantes de vida. A sua é uma gloria, tambem assim, de fragmentos, murmurada de longe em longe, raro e raro proclamada por uma voz mais descaimada e cheia. Mas, porisso mesmo é mais bella e

maior. O desprehendimento do poeta para com a sua poesia, mais nollo impõe. Copiosa, a sua obra permanece em grande parte inedita. Della se conhece um livro — «A morte do Pierrot» — magnifico poema cuja repercussão longe está do seu grande merito.

A «Arte de amar» terá, pois, as proporções de uma revelação. Porque é, de facto, maravilha de poesia. Nella, o ideal do poeta se nos apresenta integro. Sobre um fundo de legitimo e puro lyrismo, em que se irmanam todas as almas, uma fina coloração de cultura suavemente se esbate, mas tão fina e tão medida que toda, em sua homogeneidade, a poesia se suspende entre o seu tom quasi popular e a sua linha imperturbavel de bom gosto e apuramento artistico. Os motivos simples, encantadoramente ingenuos, de uma inspiração facil e espontanea tomam, assim, aspecto, requintados, com inconfundivel marca de espirito e de fino lavor.

Julio Cesar faz a sua profissão de fé no soneto «Arte suprema»:

### ARTE SUPREMA

Tal como Pygmalião, a minha ideia  
Visto na pedra, talho-a, douro-a,  
E ante os meus olhos e a vaidade fatua  
Surge, formosa e nua, Galathéa.

Mais um retoque, uns golpes... e remato-a;  
Digo-lhe: "Fala!" ao ver em cada veia  
Sangue rubro, que a córa e aformoseia...  
E a estatua não falou, porque era estatua.

Bem haja o verso, em cuja eurnie escala  
Falam todas as vozes do universo,

E ao qual tambem arte nenhuma eguala:

Quer mesquinho e sem cor, quer amplo e terso,  
Em vão não é que eu digo ao verso: "Fala!"  
E elle fala-me sempre, porque é verso.

A superioridade da Poesia sobre todas as artes ali está admiravelmente expressa. Pygmalião, ao tirar do mar-more Galathéa ordenava que falasse. E em sua perfeição, Galathéa não falou. Mas o poeta descreve, pinta, anima a mesma estatua perfeita e, se lhe ordena que fale, pela própria natureza dos versos em que a pintou, ella lhe fala sempre...

E é essa, exactamente a impressão que nos dão os versos da «Arte de Amar»: elles "falam". Luzem, brilhant, cantam, porém, sobrotudo, "falam..." Não é virtude vulgar, numa época em que a poesia o menos que faz é falar. Os nossos modernissimos poetas, os que se guiam pelos ultimos cabotinos internacionaes de Paris, não poetam: gemem

o saxophone e a requinta do verso ou, senão, broxam telas a ocre e... a verde Paris.

Julio Cesar tem o bom senso de falar, apenas. E fala-nos á intelligencia e a alma com eloquencia sem par.

\*\*\*

São do novo livro de Julio Cesar os seguintes versos:

### ARTE DE AMAR

#### XXVII

A mesma velha cantiga  
Onvirás a muita gente;  
Que te ama sinceramente  
Não faltará quem te diga.

Mas esse amor verdadeiro  
Se, um dia, tentas buscal-o,  
Ser-te-á tão penoso achal-o  
Como agulha no palheiro.

#### XXVIII

Quem de amor diz que está louco  
E' o que mais siso revela...  
Quem mente é tão tagarella!  
Quem ama fala tão pouco!

Mais que o labio, que delira,  
O olhar, que é mudo, persuade,  
'Tao sóbria é a sinceridade  
Quanto eloquente a mentira.

### PHRASES FEITAS

O «Vi-te e amei-te», como, geralmente,  
Hoje se diz, a ninguem mais persuade:  
Perdeu de voz toda a sinceridade  
Porque anda na expressão de toda gente.

Com tal ouvir não ha quem se contente  
Nem de tal coisa uão se desagrade:  
São palavras vãs de verdade  
Que a bocca diz e o coração desmente.

E pois não digo que teu gesto aceite  
Este amor, que arde em mim como uma lava,  
Este amor, que é meu mal e meu deleite;

Do delicto de crer-me essas mãos lava,  
Que te não direi nunca: «Vi-te e amei-te»,  
Porque antes de te ver eu já te amava.

### LIBERTAÇÃO

Adeus. Tu, fica. Eu parto. Não conheço  
O destino a seguir, mas parto e corro.  
Livre quero ficar, por qualquer preço,  
Ou desta escravidão tornar-me forro.

De illusões e de sonhos me abasteço;  
Não mais que de esperanças me socorro  
Para este grande mal de que padeço,  
Para este sofrimento do que morro.

Quem escoteiro parte, só precisa  
Da esperança e do mais que ella lhe offerta,  
Da illusão e do mais que ella improvisa.

A alma a exultar, a fronte descoberta,  
Saio do teu amor, que me escravisava.  
Corro para outro amor, que me liberta.

### COFRE DE MALES

N'uma hora de exaltado desvario,  
O teu cofre, Pandora, eu, sem receio,  
Com minhas proprias mãos, sorrindo, abri-o...  
Só de males teu cofre estava cheio.

Depois de tel-o aberto é que me vein  
Este remorso inutil e tardio;  
E arrependido e tremulo, fechei-o,  
Para de todo não ficar vasio.

Esses males a que hoje me condemna  
Cahiram todos sobre mim, de chofre;  
São angustias mortaes e acerbos penas;

E em cambio, a quem, como eu, já tanto soffre,  
Dás um goso, a illusão de um goso apenas  
Encerrada no fundo do teu cofre.

### CONTRASTES

Casta nos gestos e nas attitudes  
Vem-te os meus olhos sempre, enamorados,  
E a toda hora te lanço os meus alados  
Beijos, dispondo em puiha os dedos rudes.

Es tão pura de corpo e de cuidados,  
Que se, acaso, aos meus olhos te desnudes,  
Mais te verei vestida de virtudes  
Quão me vejo coberto de peccados.

Nunca pensei em tua bocca fria  
Pôr, mesmo em sonho, um beijo imaginario;  
Nunca o pensei e nunca o pensaria;

Não sou e nunca fui tão temerario;  
Se o fosse, é certo que a impressão teria  
De um sacrilegio em pleno sanctuario.

### CORAÇÃO CALMO

Disse-me ella que lera (não sabia  
Onde nem quando) que, por mais cuidado  
Que se tenha em trazer o amor guardado,  
Batendo, o coração logo o annuncia.

Disse, e, attenta, auscultando o esquerdo lado  
Do meu peito, notou, naquelle dia,  
Que, regular, o coração batia,  
Nem mais forte nem menos adressado.

A tudo alhoio, indifferente ás penas,  
Na arca funda do peito, onde o domino,  
Suas pancadas lentas e serenas,

Sem precipitações nem desatino,  
Calmo batia o coração, apenas  
Por dever de bater, que é seu destino.

### OUTRAS CANTIGAS

#### II

Horas de intenso regalo:  
Acceso o olhar em desejos,  
As boccas cheias de boijos,  
Que é uma loucura contal-o,

Passavamos á porfia  
Nestes jogos amoveis:  
Dizeis vós que me amaveis,  
Que vos amava eu dizia

Diziamos com tal fogo,  
(que certo, não vinha d'alma)  
Que hoje nem sei quem a palma  
Ganhou emfim nesse jogo.

Eramos como, parece,  
Duas pessoas travessas  
De cujas pobres cabeças  
O siso fugido houvessa.



EDIÇÕES DA

# Sociedade Editora Olegario Ribeiro

AMADEU AMARAL

A Pulseira de Ferro (novella) . . . . . 1\$000  
Um soneto de Bilac (crítica) . . . . . 2\$000

MONTEIRO LOBATO

Os Negros (novella) . . . . . 1\$000

LÉO VAZ

Ritinha (novella) . . . . . No preço

GUSTAVO BARROSO

Mula sem cabeça (novella) . . . . . No preço

A. DE SAMPAIO DORIA

O que o cidadão deve saber (10.º milheiro) 3\$000

F. T. DE SOUZA REIS

A Divida do Brasil (estudo historico) . . . 4\$000

WALDEMAR FERREIRA

Manual do Commeciante . . . . . 8\$000  
Estudos de Direito Commercial . . . . . 10\$000  
A Hypotheca Naval no Brasil . . . . . 3\$000

AUCTORES DIVERSOS

O que todo o commeciante precisa saber  
(10.º milheiro) . . . . . 2\$000  
Almanach Commercial Brasileiro de 1918 6\$000

NICOLAU ATHANASSOF

Os Suinos, manual do criador de porcos  
(2.a edição, 8.º milheiro) . . . . . 3\$000

OS PEDIDOS DO INTERIOR DEVEM TRAZER MAIS 10 o/o PARA O PORTE

**SOCIEDADE EDITORA OLEGARIO RIBEIRO**

Rua Dr. Abranches, 43 - Caixa Postal 1172 - SÃO PAULO

## EDIÇÕES DA "Revista do Brasil,"

	Broch.	Encad.		Broch.	Encad.
NEGRINHA, contos por <i>Monteiro Lobato</i> . . . . .	2\$500	3\$500	DIAS DE GUERRA E DE SERTÃO, interessante narrativa pelo <i>Visconde de Taunay</i> . . . . .	4\$000	5\$000
URUPÉS, contos por <i>Monteiro Lobato</i> , 6.a edição . . . . .	4\$000	5\$000	MADAME POMMERY, romance satyrico, por <i>Hilario Tacito</i> . . . . .	4\$000	—
CIDADES MORTAS, contos por <i>Monteiro Lobato</i> , 2.a edição . . . . .	4\$000	5\$000	BRASIL COM S OU COM Z, por <i>F. Assis Cintra</i> . . . . .	3\$000	—
IDÊAS DE JÉCA TATU, critica por <i>Monteiro Lobato</i> , 2.a edição . . . . .	4\$000	5\$000	VIDA OCIOSA, romance por <i>Godofredo Rangel</i> . . . . .	4\$000	5\$000
NARIZINHO ARREBITADO, livro de historias para crianças, por <i>Monteiro Lobato</i> . . . . .		3\$500	OS CABOCLOS, contos por <i>Valdomiro Silveira</i> . . . . .	4\$000	5\$000
POPULAÇÕES MERIDIONAES DO BRÁSIL, estudo de sociologia por <i>F. J. Oliveira Vianna</i> . . . . .	8\$000	10\$000	HISTORIAS DA NOSSA HISTORIA, por <i>Viriato Corrêa</i> . . . . .	3\$500	4\$500
PROFESSOR JEREMIAS, por <i>Léo Vaz</i> , 3.a edição . . . . .	4\$000	5\$000	ESPHINGES, versos de <i>Francisca Julia</i> . . . . .	5\$000	—
VIDA E MORTE DE GONZAGA DE SÁ, romance por <i>Lima Barreto</i> . . . . .	2\$000	—	SCENAS E PAISAGENS DA MINHA TERRA, versos caipiras de <i>Cornelio Pires</i> . . . . .	5\$000	—
LIVRO DE HORAS DE SOROR DOLOROSA, poesias por <i>Guilherme de Almeida</i> . . . . .	5\$000	—	CASA DE MARIBONDO, contos, <i>João do Norte</i> . . . . .	3\$000	—
ALMA CABOCLA, versos de <i>Paulo Setubal</i> , 2.a edição . . . . .	3\$000	4\$000	PAIZ DE OURO E ESMERALDA, romance, <i>J. A. Nogueira</i> . . . . .	4\$000	—

PEDIDOS PARA O INTERIOR,  
MAIS 10 o/o PARA O PORTE

Pedidos aos Editores: **Monteiro Lobato & C., Caixa 2-A - S. PAULO**

# A NOVELLA NACIONAL

Volumes publicados:

A NOVELLA NACIONAL é uma série de pequenos livros, nos quaes se mira ao seguinte escopo: oferecer a melhor leitura, sob a apresentação mais artistica, ao preço mais barato possível. Os objectivos desta publicação, de que é director o sr. Amadeu Amaral (da Academia Brasileira) podem assim, condensar-se no lemma — LIVRO BOM E BONITO AO ALCANCE DE TODOS.

Apparece approximadamente um volume por mez, com cerca de 80 paginas, no formato  $16\frac{1}{2} \times 12\frac{1}{2}$  centimetros, impresso em magnifico papel e illustrado com numerosas e artisticas gravuras, contendo uma obra completa de auctor conhecido.

**A Pulseira de Ferro** por AMADEU AMARAL, o successor de Olavo Bilac, na Academia Brasileira. "*E' no genero uma verdadeira obra prima*," — disse desta novella o grande poeta Alberto de Oliveira.

**Os Negros** por MONTEIRO LOBATO, o celebre creador de Jéca Tatú. Estão no prélo mais dois volumes:

**Ritinha** por LEO VAZ, o festejado auctor do "Professor Jeremias", romance que obteve o maior successo literario da actualidade, alcançando tres edições em poucos mezes.

**Mula sem cabeça** por GUSTAVO BARROSO, o famoso escriptor cearense, autor da TERRA DO SOL, HEROES E BANDIDOS e outras joias literarias já sobejamente conhecidas e apreciadas.

A seguir novellas de:

Coelho Netto,  
Afranio Peixoto,  
Waldomiro Silveira  
Cornelio Pires e outros.

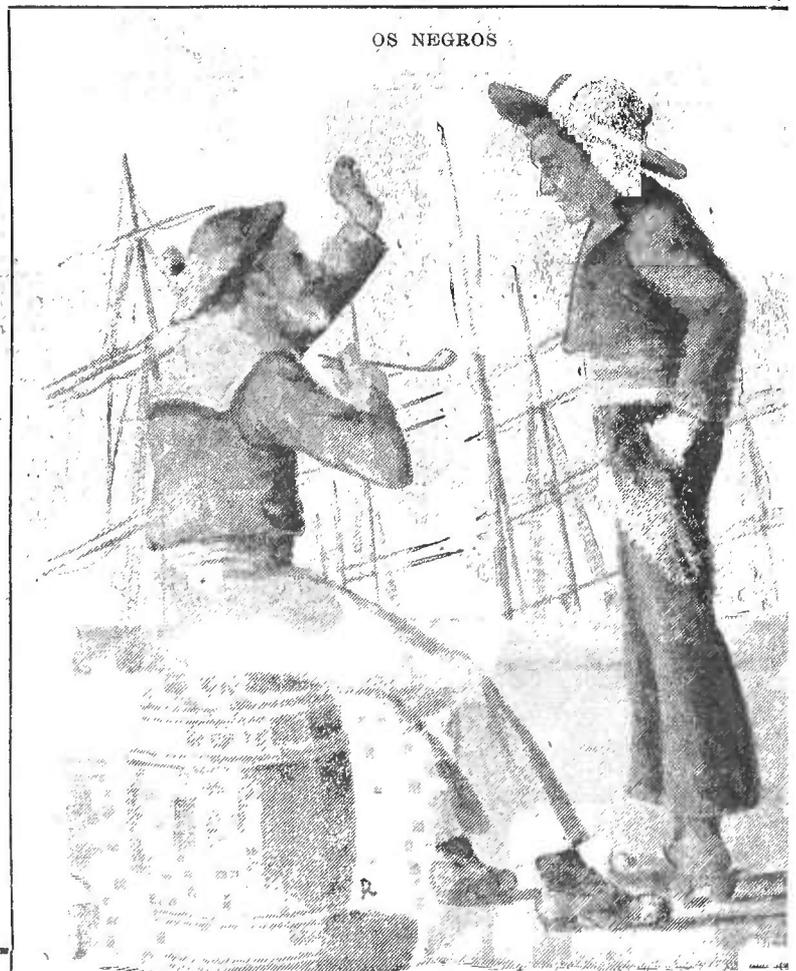
Cada volume 1\$000 em todas as livrarias. Pelo correio, registrado 1\$300.

Assignaturas com direito a receber todos os volumes registrados:

Série de tres novellas 3\$500; série de seis novellas 7\$000; série de doze novellas 14\$000.

Pedidos á

Sociedade Editora  
Olegario Ribeiro  
Rua Dr. Abranches N. 43  
Caixa, 1172 - SAO PAULO



## BRASILIANA DIGITAL

### ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

**1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.** Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

**2. Atribuição.** Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

**3. Direitos do autor.** No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente ([brasiliiana@usp.br](mailto:brasiliiana@usp.br)).